



Introdução

Res Sinicae (séculos XVI–XVIII)

Arnaldo do Espírito Santo, Cristina Costa Gomes &
Enrique Rodrigues-Moura
Lisboa & Bamberg

Em 1760, publicou-se em Colónia um folheto de 29 páginas intitulado *Relation de Pihihu, Émissaire de l'Empereur de la Chine en Europe*, cujo autor, embora não constasse na folha de rosto nem algures na publicação, não era outro senão Frederico II (r. 1740–1786), rei da Prússia. Estava-se no âmago do que viria a ser conhecido como a Guerra dos Sete Anos (1756–1763) e a posição da Prússia era desesperada, tanto do ponto de vista militar como económico, e esse texto de um imaginado emissário chinês que se desloca a Roma para conhecer o continente europeu serve como desafoço intelectual. No folheto, critica-se ferozmente o espaço cultural católico e estabelece-se uma relação de proximidade entre um incipiente Iluminismo prussiano e um império asiático sem religião, como seria o chinês do ponto de vista europeu. Interessa aqui, no entanto, assinalar que é um português a fonte de informação sobre a Europa desse emissário do imperador chinês. Concretamente, um português que teve de fugir de Portugal por ser jesuíta – de origem judaica, por sinal –, depois da expulsão da Companhia de Jesus em 1759. Assim, para Frederico II era quase natural que um emissário chinês, na Europa, mantivesse uma relação com um português («mon Portugais», como diz o texto às páginas 10, 13, 15, 16, 17 e 23), uma vez que tinham sido os portugueses os que por longos decénios haviam mantido relações privilegiadas com a China.¹

¹ Anónimo [Frederico II da Prússia, Friedrich II.]. *Relation de Pihihu, Émissaire de l'Empereur*

A história das relações entre Portugal e a China plasmada no folheto do rei Frederico II da Prússia reflecte o papel de intermediários desempenhado pelos portugueses, nomeadamente os jesuítas, no intercâmbio cultural entre o continente europeu e a Ásia oriental. Tal demonstra, afinal, o conteúdo da obra que de seguida se apresenta.

O livro «*Res Sinicae*». *Pessoas, papéis e intercâmbios culturais entre a Europa e a China (1600–1800)* reúne um conjunto de estudos inicialmente apresentados nas Jornadas *Res Sinicae 2021. Arquivos e Materiais*, realizadas a 15 e 16 de Abril desse ano, os quais foram posteriormente objecto de uma escolha e avaliação por parte do Conselho Editorial do projecto homónimo, tendo em vista a sua publicação. Numa segunda fase, outros textos foram incorporados à selecção final de modo a completar a temática em estudo. A publicação desta obra, no quadro do projecto da Fundação para a Ciência e a Tecnologia intitulado «*Res Sinicae. Base digital de fontes documentais em latim e em português sobre a China (Séculos XVI a XVIII). Levantamento, edição, tradução e estudos*» (PTDC/LLT-OUT/31941/2017), albergado no Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, responde a uma das suas principais prioridades, a de produção e divulgação dos resultados científicos da investigação desenvolvida pela equipa e colaboradores.

Os objectivos gerais do projecto assentam no alargamento do conhecimento das relações interculturais entre Portugal e a China Ming/Qing e no estudo do contributo português na produção e circulação de conhecimento sobre a China à escala europeia, e vice-versa. O projecto contemplou, simultaneamente, uma componente científica e outra de divulgação. As principais linhas orientadoras desta investigação consistiram na disponibilização *on-line* de fontes inéditas sobre a China dos séculos XVI a XVIII, em português e em latim, e de estudos interpretativos sobre estas mesmas fontes.

O conjunto de treze estudos incluídos neste livro cumpre esse propósito de disseminação dos resultados da pesquisa em torno dos diferentes núcleos documentais privilegiados no projecto «*Res Sinicae*». Daí que esta obra se organize à volta de três eixos temáticos: I. Arquivos e Materiais; II. Percursos Individuais; e III. Transferências e Pervivências Culturais.

de la Chine en Europe, traduit du chinois. Colónia: Chez Pierre Marteau, 1760. Há pelo menos duas edições nesse ano de 1760, ambas saídas da mesma casa editora de Colónia. Apresentam claras diferenças na paginação.

A primeira parte da obra – Arquivos e Materiais – reúne três textos da autoria de Noël Golvers, Jorge Santos Alves e António Júlio Limpo Trigueiros, S.J. Estes estudos são contributos importantes para um aprofundamento do conhecimento das colecções arquivísticas e da documentação existente sobre as relações China-Europa nos séculos XVI a XVIII.

No primeiro texto «Archives of Antwerp for the history of the relations between Europe and the Far East (16th–18th centuries)», o reconhecido investigador belga Noël Golvers alarga o espectro dos arquivos europeus relevantes para o estudo do relacionamento entre a China e a Europa nos séculos XVI e XVIII, para além dos mais habituais com fundos sobre a missão jesuíta, como é o caso da Biblioteca da Ajuda (Lisboa), da Bibliothèque nationale de France (Paris) e do Archivum Romanum Societatis Iesu (Roma). Na sua contribuição, Golvers mostra como o porto flamengo de Antuérpia também ocupa um lugar de relevo neste campo, graças ao arquivo da antiga Casa Professa dos jesuítas, mesmo se este fundo documental acabou por ser disperso por outros arquivos e bibliotecas belgas após a supressão da Companhia de Jesus. Noël Golvers realça a importância desta colecção para o estudo da breve, mas importante «Via Ostendana», uma rota paralela de muito sucesso, embora a sua curta duração (ca. 1718–1728) face a vias marítimas tradicionais para a China, caso da «Via Goana», «Via Gallica», «Via Batavica», etc. A sua contribuição põe a manifesto o grande valor da informação deste fundo documental para complementar as fontes actualmente conhecidas à guarda dos mais conhecidos arquivos e bibliotecas da Europa.

Segue-se o estudo de Jorge Santos Alves, «Janelas abertas sobre a cidade: A carta dos mercadores chineses de Macau ao rei de Portugal (Dezembro de 1710)», o qual dá a conhecer, como o título aponta, um importante documento para o estudo da relação de homens de negócio chineses com monarcas europeus e, mais especificamente, portugueses. A carta que publica e apresenta ao leitor é a datada de Macau, a 19 de Dezembro de 1710, assinada por setenta e dois negociantes chineses estabelecidos nessa cidade. É uma missiva que reúne, portanto, setenta e duas vozes chinesas em comunicação directa com o rei de Portugal, D. João V (r. 1706–1750) e parece ser o primeiro exemplo de uma voz colectiva chinesa a fazê-lo, neste caso a partir de Macau. Daí ser, inquestionavelmente, um importante documento para a História de Macau e das relações luso-chinesas. É também um documento que nos faculta uma visão chinesa desta cidade no século XVIII.

A contribuição de António Júlio Limpo Trigueiros, S.J., encerra esta primeira parte com o texto intitulado «Os últimos jesuítas da China no exílio: Passos para reconstruir um percurso de vida». Neste, o autor estuda como os jesuítas pertencentes à vice-província da China conheceram diferentes destinos após a supressão da Companhia de Jesus em 1773. Se os que se achavam em Macau, no ano da expulsão de 1759, rumaram aos cárceres pombalinos de S. Julião da Barra, ou ao exílio nos Estados Pontifícios; já os que se encontravam em Pequim e em outras cidades chinesas, num total de dez, continuaram a exercer os seus ministérios e actividades científicas sob a protecção do imperador Qianlong (r. 1735–1796). António Júlio Trigueiros indica quais são os passos necessários para reconstruir as suas biografias, tendo como primeira fonte os catálogos jesuítas conservados em Roma, mas para o período após a extinção da Companhia o autor nomeia os principais fundos documentais usados para estabelecer o itinerário dos padres exilados.

A segunda parte deste volume, constituída por cinco textos, é dedicada a percursos individuais e foi organizada de forma cronológica. Os estudos são da autoria de Anna Busquets Alemany, Isabel Murta Pina, Cristina Costa Gomes e João Teles e Cunha, Bernardo Mota e Maria João Pereira Coutinho. À excepção do primeiro texto, todos os outros se fundam nos núcleos documentais publicados na plataforma *Res Sinicae*, dedicados à correspondência dos jesuítas da vice-província da China e da província do Japão: Álvaro Semedo (1585–1658), António de Gouveia (1592/1594–1677), António Francisco Cardim (1596–1659), Tomás Pereira (1646–1708) e Marcelo Leitão (1679–1755).

O estudo de Anna Busquets Alemany «La entrada de franciscanos y dominicos en China: Estrategias para la predicación y objetos para la fe» analisa, por sua vez, a chegada e implantação de dominicanos e franciscanos na China no século XVII, a partir das Filipinas, após a abertura verificada à entrada das ordens mendicantes em solo chinês. O texto indaga de que forma dominicanos e franciscanos levaram a cabo a sua acção evangelizadora, tendo em conta, essencialmente, as principais estratégias de pregação que ambas as ordens religiosas usaram durante os primeiros tempos do seu estabelecimento na China, tendo em conta o seu conhecimento do país e da língua e cultura chinesas.

De seguida surge o texto intitulado «Dois procuradores jesuítas em confronto: Álvaro Semedo e António Francisco Cardim», de Isabel Murta Pina.

Neste, a autora trata da polémica desencadeada em Macau, nas décadas de 1630 e de 1640, entre a província do Japão e a vice-província da China. Esta feroz disputa, que foi transposta para a Europa com o envio de procuradores de uma e de outra parte, teve como protagonistas Álvaro Semedo e António Francisco Cardim. Isabel Murta Pina analisa o confronto entre estes dois jesuítas, enquadrado no âmbito dos esforços desenvolvidos pela vice-província da China para se constituir como província de pleno direito, autonomizando-se da do Japão, então em plena fase de reestruturação.

O estudo seguinte, da autoria de Cristina Costa Gomes e João Teles e Cunha, tem como título «O *corpus* epistolar de António de Gouveia». Os autores centram a sua atenção na correspondência activa e passiva de António de Gouveia, a par de outra documentação e de textos narrativos deste jesuíta, para reconstruírem os principais passos da sua vida na China (1636–1677), boa parte da qual coincidiu com a conturbada transição dinástica. Cristina Costa Gomes e João Teles e Cunha também exploram outras dimensões existentes na correspondência, nomeadamente, a conjuntura política chinesa e o contexto da sua produção no quadro do intercâmbio cultural europeu na China, bem como a rede de circulação de escritos jesuítas em direcção à Europa e ao Novo Mundo (aqui por via das Filipinas). O texto identifica, ainda, alguns dos interlocutores de António de Gouveia, especialmente nas Filipinas, e aponta pistas a respeito de debates e controvérsias culturais derivados dos seus escritos, com relevo para o tido com o dominicano espanhol fr. Domingo Fernández Navarrete.

O texto de Bernardo Mota, «Duas breves trocas de correspondência entre Tomás Pereira e os Matemáticos do rei francês nos anos 1691 e 1693», estuda o conflito entre os portugueses e os franceses da Missão Jesuíta na China, no final do século XVII. Este conflito é bem conhecido nos seus aspectos gerais, bem como o seu enquadramento no contexto europeu subjacente. Bernardo Mota sublinha, contudo, que as fontes estudadas são apenas uma parte das existentes e estas continuam a ter um acesso limitado. Daí o seu capítulo oferecer a edição, tradução de latim para português e discussão de uma selecção de cartas trocadas entre Tomás Pereira e os jesuítas franceses Joachim Bouvet e Jean-François Gerbillon, em 1691, e Jean de Fontaney e Claude de Visdelou, em 1693. A sua análise mostra que o conjunto dos documentos conhecidos e estudados ainda não permite uma descrição completa da disputa, já que os textos remetem sucessivamente para outros textos (que é preciso localizar e analisar) e constroem narrativas

subjectivas, parciais e constantemente revistas que requerem complementação contínua.

Encerra esta segunda parte um texto de Maria João Pereira Coutinho intitulado «“Homem de prendas e talentos”: Marcelo Leitão (1679–1755), Procurador-Geral da Vice-Província da China». Esta autora faz um estudo de caso a partir da vida de Marcelo Leitão, o penúltimo Procurador-Geral nomeado pela Assistência Portuguesa para a vice-província da China, o qual não mereceu até hoje a atenção necessária por parte da historiografia. Embora a temática se inscreva numa das áreas que maior interesse tem suscitado no âmbito dos estudos sobre a Companhia de Jesus – a do papel desempenhado pelos seus procuradores –, a biografia de Marcelo Leitão continua por fazer. Com base num vasto fundo documental que reuniu sobre este jesuíta, descrito como sendo um «homem de prendas e talentos», Maria João Pereira Coutinho reconstitui, tanto quanto possível, o seu percurso. A correspondência activa e passiva de Marcelo Leitão revela tanto as trocas de informações feitas entre Roma, Lisboa e a Ásia, bem como as estratégias desenvolvidas pela Companhia de Jesus para se congregar com os grupos sociais privilegiados do Portugal do Antigo Regime. Os contactos mantidos com aristocratas incidem luz acerca das suas redes e contactos, colocando este jesuíta na esfera das relações diplomáticas portuguesas de Setecentos.

A terceira e última parte do presente volume – Transferências e Pervivências Culturais – agrupa um conjunto de cinco textos assinados por Cristina Costa Gomes e Enrique Rodrigues-Moura, Noël Golvers, Luís Campos Ribeiro, Ana Cristina Pereira e Xavier Lee-Lee e Verónica C. Trujillo-González. Nesta secção abordam-se não só obras, como conhecimentos científicos e linguísticos resultantes da transmissão cultural entre a China e a Europa.

Abre com um artigo de Cristina Costa Gomes e Enrique Rodrigues-Moura que anuncia um projecto em andamento, como o próprio título indica: «Notícia de uma edição em curso: *Historia da Guerra dos Tartaros* (1657), tradução para português de Diogo Gomes Carneiro do livro *De bello Tartarico historia* (1654), de Martino Martini». Uma nova edição desta tradução, acompanhada de um estudo analítico, justifica-se plenamente pelo facto de ser desconhecida no contexto europeu, não sendo sequer referenciada no quadro das edições em línguas modernas europeias desta obra de Martino Martini. No entanto, o português foi a quinta língua para a qual este texto foi traduzido, depois de terem sido impressas no próprio ano de 1654

as versões inglesa, francesa, alemã e neerlandesa desta obra, e em 1665, a versão espanhola.

O seguinte texto, de Noël Golvers, intitulado «A contribution to the history of the restoration of mathematical teaching in Portuguese Jesuit Colleges in the 18th century, and the Jesuit mission in China» versa sobre a maneira como a matemática era ensinada nos colégios jesuítas da Província Lusitana no século XVIII, com graves consequências na preparação dos candidatos portugueses que iam para a Missão da China. Este problema foi periodicamente contrariado mediante a mobilização temporária de «estrangeiros», sobretudo oriundos da Europa Central, por parte do Colégio das Artes de Coimbra. Após a intervenção directa do Padre Geral, já estudada por Ugo Baldini e Henrique Leitão, Noël Golvers revela como, no século XVIII, os jesuítas estrangeiros também estiveram envolvidos no ensino da matemática nos colégios jesuítas de Évora (Colégio do Espírito Santo) e de Lisboa (Colégio de Santo Antão), e como, progressivamente, uma série de estudantes portugueses – também fora do contexto missionário – foram preparados e envolvidos na construção de uma cultura matemática jesuíta em Portugal.

Em articulação com o texto anterior, o artigo de Luís Campos Ribeiro, intitulado «O outro lado da Astronomia: O papel dos jesuítas na transmissão da astrologia europeia para a China e o Oriente», estuda a presença da astrologia entre as várias disciplinas matemáticas transmitidas pelos jesuítas na Ásia, e em particular na China. Luís Campos Ribeiro demonstra como a disseminação da astrologia europeia na Ásia se encontra directamente relacionada com a publicação de textos astrológicos por astrónomos jesuítas, assim como o seu uso para prognosticação no contexto da corte imperial.

Ana Cristina Pereira contribui para este livro com um texto intitulado «A *Relatio* de Francisco Furtado, S.J.: O olhar de um humanista», no qual estuda uma relação, datada de 1639, sobre a entrada no território chinês de alguns religiosos dominicanos e franciscanos. O seu autor, o jesuíta Francisco Furtado (1587–1653), então Vice-provincial da China, alertou o Papa Urbano VIII (p. 1623–1644) para as consequências do seu método de missionação. Este conflito pode ser considerado o ponto de partida da controvérsia dos Ritos Chineses, que iria levar, já no final do século XVIII, à expulsão de todos os missionários católicos do território chinês. Tratando-se de um documento apologético da prática de missionação jesuítica, o objectivo principal deste estudo é salientar o modo como alguns elementos

herdados do conhecimento da cultura clássica são aplicados, não como ornamento literário, mas como estratégia argumentativa, cuja finalidade é a compreensão e o respeito pela cultura chinesa.

Este volume encerra com um texto da autoria de Xavier Lee-Lee e Verónica C. Trujillo-González, «Una visión retrospectiva de la obra lingüística del sinólogo católico Paul Perny». Neste, os autores lembram que no século XIX a sinologia ocidental deixou de ser um campo de conhecimento dominado por missionários católicos. Lee-Lee e Trujillo sublinham a importância que missionários protestantes e académicos ocidentais tiveram para a redefinição da sinologia a partir dessa centúria, relegando para um segundo plano a contribuição que os missionários católicos continuaram a dar durante esse mesmo século. Com esse objectivo, apresentam um estudo de caso centrado na figura de Paul Perny, como um exemplo de sinologia missionária católica que se destacou por uma abordagem inovadora que ajuda a compreender a sinologia ocidental oitocentista.

Os estudos reunidos neste volume revelam um conjunto de fundos documentais, boa parte deles inéditos, e apontam para novas vias de investigação no quadro das relações interculturais estabelecidas entre a Europa e a China, com enfoque especial para Portugal, entre 1600 e 1800. Ficam, assim, abertas novas pistas de investigação, quer em relação a percursos individuais de intermediários culturais, quer em relação a estratégias colectivas de transferências de saberes e informação, quer em relação ao contacto e convívio com a alteridade. Tais caminhos foram possíveis a partir da revisitação de arquivos e fundos documentais conhecidos, assim como da revelação de novas colecções e da disponibilização de documentos inéditos fulcrais para o conhecimento dos intercâmbios registados nos dois sentidos, entre a China e a Europa na Idade Moderna.